



A EXPOSIÇÃO “OS POVOS ORIGINÁRIOS NO PARANÁ” COMO FERRAMENTA DE CONHECIMENTO ARQUEOLÓGICO E ENGAJAMENTO DIGITAL

Leilane Patrícia de Lima¹; Julia Mahamut Garcia², Marcio Augusto Uliana Macella³, Mariana Beatriz de Moraes⁴, Gustavo Henrique Cardoso Pereira⁵ Lúcio Tadeu Mota⁶

¹Universidade Estadual de Maringá, Departamento de História, Maringá, PR, Brasil.

lplima@uem.br

²Universidade Estadual de Maringá, Programa de Pós-graduação em História, Maringá, PR, Brasil. pg55972@uem.br

³Universidade Estadual de Maringá, Programa de Pós-Graduação em História, Maringá, PR, Brasil. pg55974@uem.br

⁴Universidade Estadual de Maringá, Departamento de História, Maringá, PR, Brasil.

ra124751@uem.br

⁵Universidade Estadual de Maringá, Programa de Pós-Graduação em História, Maringá, PR, Brasil. pg406064@uem.br

⁶Universidade Estadual de Maringá, Departamento de História, Maringá, PR, Brasil.

ltmota@uem.br

Palavras-chave: Comunicação, Exposição, Povos originários no Paraná, Mídias Digitais.

INTRODUÇÃO

O Programa Interdisciplinar de Estudos de Populações¹ – Laboratório de Arqueologia, Etnologia e Etno-História da Universidade Estadual de Maringá (PIEP-LAEE-UEM) dedica-se a estudos multidisciplinares sobre a ocupação humana nas proximidades do Rio Paraná e seus afluentes (Mota, 2009). Desde sua criação, em 1997, tem desenvolvido pesquisas interdisciplinares com foco nas relações socioculturais de populações indígenas no sul do Brasil. Posteriormente, realizou diversas pesquisas no noroeste do Paraná, incorporou os bens arqueológicos resgatados ao seu acervo e assumiu a gestão das coleções arqueológicas do Museu da Bacia do Paraná (MBP), também sediado na UEM.

Registrado em 1998 como um Grupo de Pesquisa no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq, o programa reúne pesquisadores de diversas áreas das Ciências Humanas e das Ciências Naturais, tanto da UEM quanto de outras universidades. Com o propósito de gerar novos conhecimentos sobre as populações humanas, o LAEE-UEM também se dedica a refletir sobre a variedade de ocupações humanas e as complexidades das fronteiras como espaços de encontro de diversas experiências históricas, sociais, culturais, religiosas e científicas.

¹ O LAEE está inserido no PIEP, um ecossistema abrangente de projetos e atividades. Para otimizar a comunicação e focar na especificidade do laboratório, as futuras referências serão direcionadas exclusivamente ao LAEE, presumindo-se sua vinculação intrínseca ao PIEP, sem menção adicional.



Os estudos do laboratório abrangem as populações pré-colombianas, presentes desde o fim do Pleistoceno, bem como as populações indígenas contemporâneas e os migrantes europeus, africanos e asiáticos que se estabeleceram após 1500. A abordagem central é analisar essas populações não de forma isolada, mas em suas complexas relações socioculturais.

Nesse contexto, o LAEE desenvolveu um trabalho colaborativo com diferentes cursos como História, Educação, Agronomia, Geografia e Biologia. Essa iniciativa ainda proporciona aos alunos de graduação da UEM uma formação com caráter interdisciplinar essencial em Arqueologia, Etnologia e Etno-História, visando despertar novas vocações e interesses pela pesquisa científica. Portanto, o LAEE embasa suas atividades em três pilares principais: Pesquisa; Preservação (Documentação e Conservação) e Comunicação.

A formação do acervo arqueológico do LAEE-UEM teve início nos anos 2000, quando o laboratório assumiu a gestão dos bens arqueológicos que haviam sido doados ao MBP. No entanto, a formação sistemática dessas coleções se intensificou a partir do momento em que o LAEE iniciou suas próprias pesquisas arqueológicas no noroeste do Paraná, coletando os achados diretamente em campo. Atualmente, o LAEE-UEM destaca-se como uma das sete organizações acadêmicas no Paraná reconhecidas e aptas como Instituição de Guarda e Pesquisa (IGP)² pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Essa certificação, obtida em 2013, permite ao laboratório emitir endossos institucionais para pesquisas arqueológicas ligadas a licenciamentos ambientais e o recebimento dos bens resgatados nessas pesquisas aumentando exponencialmente o acervo arqueológico sob sua salvaguarda.

Costa e Comerlato (2014) ressaltam que, ao emitirem endosso institucional, as IGP's assumem uma série de responsabilidades legais, técnicas e sociais, que devem ser cumpridas de forma permanente e contínua. Uma das responsabilidades cruciais das IGP's é garantir a comunicação do conhecimento arqueológico gerado por meio de pesquisas de campo e estudos sobre as coleções. Em outras palavras, as IGP's devem atuar no sentido de promover ativamente mostras, exposições (tanto temporárias quanto de longa duração) e diversas ações educativas para que o público tenha acesso e possa usufruir do patrimônio e do conhecimento gerado a partir dele.

Sendo uma das IGP's mais ativas do estado do Paraná (Luciano, 2021) e comprometida com o seu papel no processo de curadoria museológica, o LAEE hoje tem sua reserva técnica estimada em mais de 100 mil bens arqueológicos. Essa vasta coleção salvaguardada incorpora peças íntegras e fragmentadas, produzidas a partir de uma diversidade de materiais, tais como cerâmica, rocha (lítico), osso, vidro e metal, fornecendo um panorama rico da cultura material dos grupos pré-coloniais e coloniais da região.

² As IGP's desempenham um papel crucial na gestão do patrimônio arqueológico sendo responsáveis por reunir, organizar, produzir e sistematizar informações sobre as coleções arqueológicas. Ao integrar esses dados com registros administrativos e documentais, as IGP's têm por finalidade garantir um conhecimento completo e acessível, independentemente da natureza ou localização dos achados. Esses registros servem como uma base valiosa para a educação e pesquisa, auxiliando na gestão e no desenvolvimento contínuo do acervo e na segurança dos bens. Consequentemente, todo esse trabalho facilita o acesso do público a essas informações essenciais por meio de palestras, exposições e diversos eventos (IBRAM, 2004).



Consciente com seu compromisso de comunicação do conhecimento arqueológico³, desde seu início, o laboratório realiza ações que aproximam o público dos bens arqueológicos, por meio de eventos de exposição em escolas de ensino fundamental e médio da região, eventos científicos e projetos de extensão. Até o presente momento, foram aproximadamente 43 exposições realizadas dentro e fora da região de Maringá.

A divulgação dessas atividades, até início dos anos 2020, era feita de forma tradicional, pela imprensa local da Universidade ou pela imprensa regional, ou mesmo com materiais impressos distribuídos nos locais das exposições. No entanto, com a crescente emergência das mídias digitais e de recursos tecnológicos como meios de comunicação entre indivíduos, a divulgação de informações, materiais e conhecimentos por meio de redes sociais como Instagram, Facebook e TikTok tem ampliado o alcance e o engajamento entre a universidade, seus pares e a sociedade em geral. Ademais, essas plataformas possibilitam uma comunicação mais direta e eficaz com esses públicos “numa perspectiva de se tornar o difusor de novas formas de encontros colaborativos na rede, por se apresentar como uma rede social online focada na comunicação e autoria visual” (Alves; Mota; Tavares, 2018, p. 26).

Na internet, assim como na sociedade, as pessoas vão criando grandes redes e teias de relacionamento. As redes sociais são grandes ambientes de debates, troca de ideias, informações e experiências. E com isso, a internet e suas redes sociais constituem uma ótima ferramenta para a criação de ambientes coletivos, e espaços de interação para o processo de ensino aprendizagem (Silva; Carneiro, 2009 *apud*. Silva; Leal, 2022, p. 489).

De acordo com Alves, Mota e Tavares (2018), projeta-se que as instituições educacionais se adaptem às tecnologias digitais, uma vez que recursos como os do Instagram podem criar tendências e hábitos que favorecem a disseminação de pesquisas científicas, além de despertar a curiosidade e incentivar a busca por mais informações sobre determinados temas. Ainda segundo os autores, cabe às instituições educacionais a responsabilidade de se adequarem ao uso dessas tecnologias, considerando seu potencial como veículo de divulgação científica.

As mídias digitais têm se consolidado como um dos principais meios de acesso à informação, especialmente entre os jovens, o que pode estimular um interesse crescente por temas acadêmicos e científicos. Ao mesmo tempo, as redes sociais não apenas potencializam o alcance, mas também oportunizam uma interação direta com o público, por meio de compartilhamentos dos registros feitos pelos visitantes e de diálogos operados a partir de comentários, postagens e mensagens. Todo esse movimento no universo digital pode colaborar em uma comunicação mais significativa, acessível e inclusiva.

Nesse contexto, a presença do LAEE nas redes sociais pode desempenhar um papel importante no combate às visões estereotipadas sobre os povos indígenas, além de valorizar a história e a diversidade cultural dessas populações (Téga-Calippo, 2022, p. 218-219).

³ A Portaria nº 196/2016 do IPHAN reforça essa ideia, ao determinar que as instituições de guarda não devem apenas custodiar acervos, mas também incentivar a pesquisa e a comunicação por meio de exposições e publicações. Nesse contexto, o LAEE-UEM tem se dedicado a diversas abordagens como visitas guiadas, palestras, minicursos, apresentações em eventos e exposições, garantindo que esse valioso conhecimento alcance a sociedade.



Diante disso, este artigo tem como objetivo analisar de que maneira a exposição “Os Povos Originários no Paraná”, realizada pelo LAEE-UEM, articula o espaço físico do museu universitário com as possibilidades comunicativas do ambiente digital, especialmente por meio do Instagram. Parte-se do entendimento de que ações de comunicação do conhecimento arqueológico, quando integradas às redes sociais, potencializam o acesso, a valorização e a ressignificação do conhecimento científico junto à sociedade. Nessa perspectiva, propõe-se discutir a exposição como uma ferramenta de divulgação científica e de engajamento com o público, considerando suas dimensões educativas, culturais e tecnológicas.

METODOLOGIA

No contexto de novos desafios e de mais abertura do LAEE-UEM para a sociedade, uma das iniciativas potenciais é o desenvolvimento de exposições, consideradas os principais produtos da comunicação museológica que exigem informações, ritmo, disciplina, motivação, diálogo, recursos humanos, compromisso, empenho e participação com preparo (Cury, 2006). As exposições são parte de um sistema de comunicação, com lógica e com sentidos próprios (IBRAM, 2017, p. 11). Isso significa dizer que uma exposição não se faz somente de objetos e há uma série de outros elementos que formam a massa, o tecido que interliga, enfatiza e evidencia as palavras-objetos (Guarnieri [1986] 2010). As exposições são linguagens da equipe que as pensou, são criações, concepções, discursos, narrações e interpretações desses profissionais.

Ademais, é preciso aqui destacar que as exposições são essenciais porque ajudam a legitimar e a caracterizar os museus e as instituições de guarda e pesquisa, pois, na ausência delas, tais instituições seriam somente importantes reservas técnicas, expressivas coleções, centros de documentação ou arquivos (Scheiner, 2003). As exposições também constituem o principal instrumento de comunicação do museu com seus públicos porque, muitas vezes, compreendem o primeiro e o único contato dos visitantes com museus, com determinadas temáticas e com conhecimentos tratados naquele ambiente (IBRAM, 2017).

É no encontro entre exposição, patrimônio e público que ocorre o fato museal, ou seja, a ressignificação do patrimônio (arqueológico), por parte do público. Essa ressignificação compreende a atribuição de sentidos, de valores e de significados ao patrimônio (Cury, 2005). É no fato museal que a cadeia operatória arqueológica-museológica é legitimada e ganha sentido.

Essa breve discussão conceitual a respeito das exposições ajuda a entendê-las não somente no contexto das instituições de guarda e pesquisa do patrimônio cultural musealizado (museus), mas também no cenário universitário, pertencentes no rol das práticas de extensão e das atividades que permitem a inclusão da extensão na integralização curricular nos cursos de formação acadêmica (graduação e pós-graduação). Nesse contexto, a exposição é considerada um evento de extensão, de curta duração, que envolve a apresentação e/ou desenvolvimento do conhecimento ou produto educativo, cultural, social, científico etc., com a participação dos alunos no planejamento e na sua execução, conforme resoluções internas da UEM⁴.

⁴ Para mais informações, consultar: Resolução 034/2017-CEP, que Aprova o Regulamento de Eventos e Cursos de Extensão na Universidade Estadual de Maringá, e a Resolução 029/2021-CEP



A concepção da exposição foi estruturada a partir de um delineamento metodológico que integrou dimensões política, museológica e expográfica. No que diz respeito à dimensão política, a idealização da mostra resultou de uma importante parceria entre o LAEE e o Museu Dinâmico Interdisciplinar (MUDI) da UEM, motivada pela necessidade de estabelecer uma comunicação mais eficaz com o público. Ambas as instituições buscavam formas de tornar visíveis e acessíveis os diversos bens arqueológicos oriundos do estado do Paraná. A proposta não se restringia à exibição dos artefatos, mas também visava compartilhar suas histórias e significados, possibilitando à comunidade compreender e valorizar o rico patrimônio cultural da região. Dessa forma, a iniciativa contribui de maneira significativa para a educação patrimonial e para o reconhecimento da história local e regional.

Com a parceria firmada e os papéis definidos, a equipe do LAEE atuou prontamente e de forma colaborativa. Trata-se de um grupo multidisciplinar composto por professores, agentes universitários, estudantes de pós-graduação (mestrado e doutorado), alunos da graduação e, inclusive, estudantes do ensino médio. Cada integrante contribui com seus conhecimentos e experiências: os professores orientam e supervisionam; os agentes universitários oferecem suporte técnico e logístico; e os estudantes, em diferentes níveis, aplicam saberes teóricos e práticos na manipulação de materiais, nas pesquisas de apoio e na execução das atividades de montagem. Essa diversidade de formações e vivências enriquece o processo, promovendo um ambiente de aprendizado contínuo e de intercâmbio de saberes dentro da equipe.

Em termos museológicos (conteúdo), a primeira decisão tomada para a exposição foi a definição do tema e de seu recorte conceitual. O tema escolhido, “Os Povos Originários no Paraná”, orientou o desenvolvimento da narrativa expositiva. O recorte conceitual, por sua vez, concentrou-se nas populações indígenas historicamente reconhecidas na região: os caçadores-coletores, os Kaingang, os Guarani e os Xetá. Essa abordagem possibilitou uma exploração mais aprofundada da diversidade cultural e histórica desses grupos, ancorando a exposição em fundamentos de pesquisa e representação antropológica. Sendo assim, a exposição apresentou quatro subtemas principais: Cultura material das populações caçadoras coletoras pré-ceramistas; Cultura material das populações Kaingang; Cultura material das populações Guarani e Cultura material das populações Xetá.

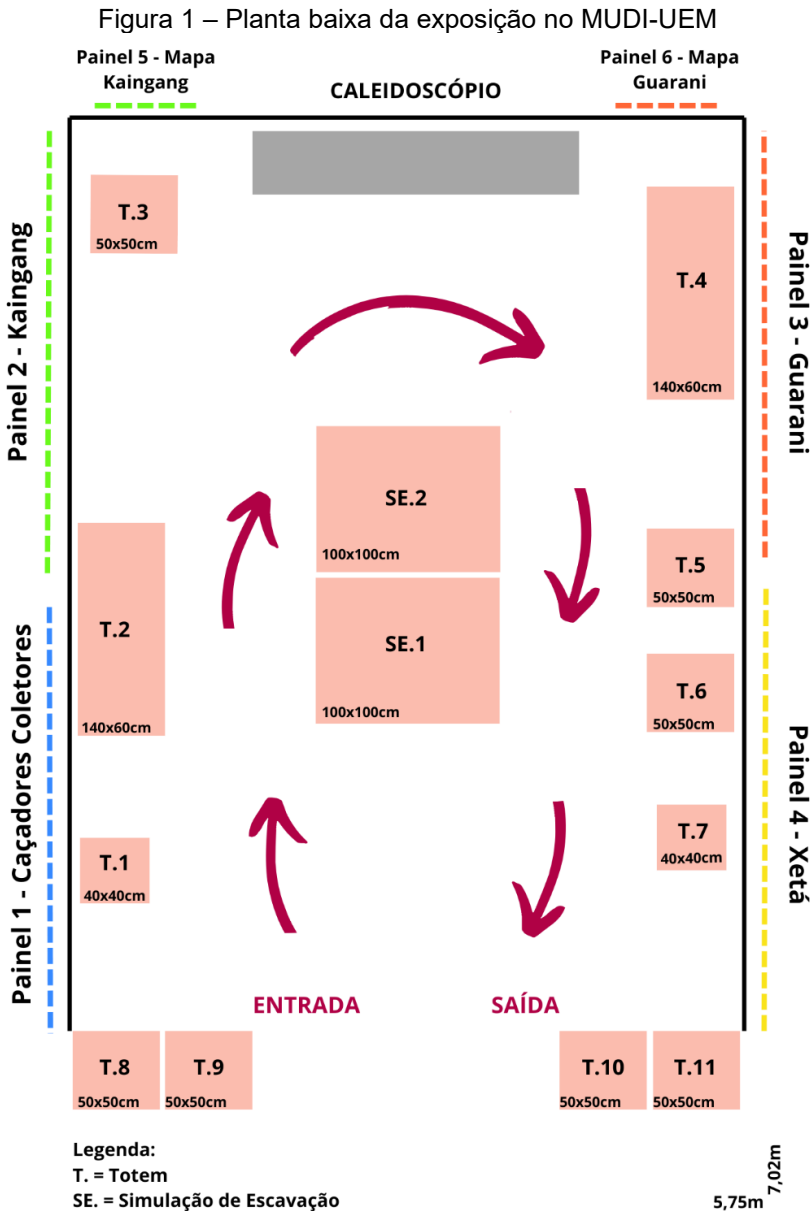
Com o conteúdo definido, passou-se à escolha de sua forma e identidade visual, envolvendo a distribuição da exposição no espaço e sua visualidade. Nesse contexto, a concepção expográfica foi cuidadosamente elaborada para conduzir o visitante por um percurso sequencial — da entrada à saída — mediante uma organização lógica entre a narrativa, os objetos e os recursos expográficos (figura 1). No que se refere aos objetos, foram selecionadas peças representativas dos grupos indígenas abordados, com destaque para artefatos líticos e cerâmicos. Quanto aos recursos expográficos, foram elaborados painéis contendo textos, fotografias, mapas e ilustrações que retratam os povos originários (figuras 10 a 15), além de vitrines e cenários que remetem ao trabalho arqueológico de campo.

O objetivo foi proporcionar ao público uma compreensão coerente sobre as trajetórias e particularidades dos povos indígenas apresentados. Adicionalmente, a identidade visual da exposição foi estrategicamente desenvolvida com base em uma

que Aprova as Diretrizes para a inclusão da Extensão na integralização curricular dos cursos de graduação e pós-graduação da Universidade Estadual de Maringá.

divisão cromática, utilizada para diferenciar e simbolizar cada uma das culturas abordadas: o azul foi associado aos caçadores-coletores, o verde aos Kaingang, o vermelho aos Guarani e o amarelo aos Xetá. Essa escolha de cores não apenas estrutura visualmente o espaço, como também facilita a associação de conteúdos e a ressignificação das informações pelo público.

A integração entre os aspectos político, museológico e expográfico evidencia uma preocupação com a parceria institucional, a coerência conceitual e a eficácia comunicativa da exposição. Em relação ao conteúdo e a forma, a seleção do tema e do recorte conceitual assegura a relevância histórica e antropológica do conteúdo, enquanto a construção da narrativa e a codificação visual, por meio das cores, contribuem para a acessibilidade e a imersão do público. Essa metodologia ressalta a importância de um planejamento integrado, no qual a pesquisa acadêmica e as estratégias de design expositivo convergem para proporcionar uma experiência educativa e culturalmente enriquecedora sobre os povos originários do Paraná.



Fonte: LAEE-UEM. Imagem: Julia Mahamut, 2024.



Após todo o processo criativo e executivo, a etapa seguinte consistiu na montagem da exposição no espaço expositivo. Nesse momento, os envolvidos transformam um conceito em uma realidade tangível e imersiva. Cada fase é essencial — desde a pintura e o acabamento de totens e vitrines expositivas, que atuam como suportes informativos e estéticos, até a cuidadosa disposição dos bens arqueológicos e etnográficos em seus locais previamente definidos. Essa etapa exige extrema precisão, tanto para garantir a segurança dos artefatos quanto para assegurar sua apresentação adequada ao público, frequentemente com o uso de iluminação estratégica para destacar detalhes específicos. Paralelamente, a criação de ambientes cenográficos — como a simulação de um sítio arqueológico por meio da peneiração de areia, ou a disposição de elementos naturais — contribui significativamente para a narrativa visual e para a imersão do visitante, transportando-o ao universo cultural e histórico que a exposição se propõe a explorar (figuras 2 a 8).

A participação conjunta de todos os membros do LAEE na montagem da exposição não apenas otimiza a execução das tarefas, como também reforça o caráter extensionista e formativo da iniciativa. Ao envolver os participantes desde o planejamento conceitual até a execução física, a exposição configura-se como um campo prático de aprendizado para os estudantes, que desenvolvem habilidades em curadoria, conservação, design expográfico e comunicação científica. Essa integração entre pesquisa, ensino e extensão é fundamental para o sucesso do projeto, garantindo que a exposição não seja apenas um espaço de difusão de conhecimento, mas também um catalisador para o desenvolvimento acadêmico e profissional dos envolvidos.

Figura 2 – Pintura dos totens para a exposição no Paraná Faz Ciência (2024)



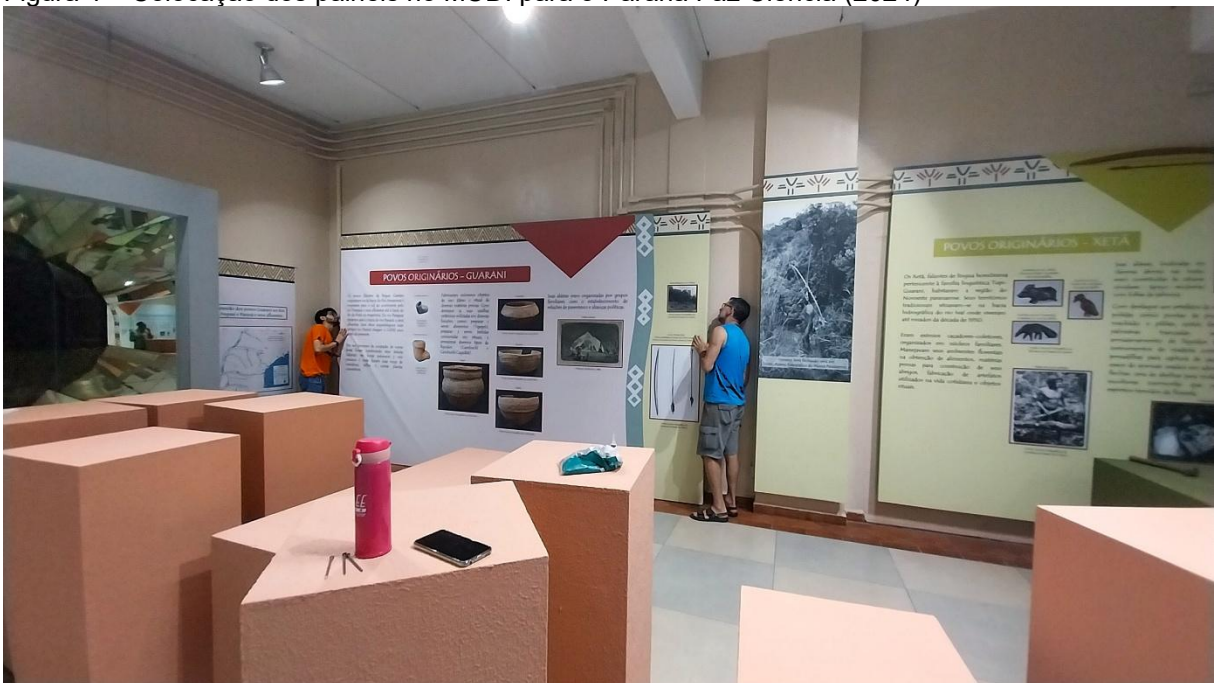
Fonte: LAEE/UEM. Fotografia: Mariana Moraes, 2024.

Figura 3 – Montagem dos painéis no MUDI para o Paraná Faz Ciência (2024)



Fonte: LAEE-UEM. Fotografia: Julia Mahamut, 2024.

Figura 4 – Colocação dos painéis no MUDI para o Paraná Faz Ciência (2024)



Fonte: LAEE-UEM. Fotografia: Julia Mahamut, 2024.



Figura 5 – Pintura dos totens na Expoingá (2025)



Fonte: LAEE-UEM. Fotografia: Mariana Moraes, 2025.

Figura 6 - Colocação das flechas Xetá na Expoingá (2025)



Fonte: LAEE-UEM. Fotografia: Marcio Macella, 2025.

Figura 7 – Montagem de simulação de escavação interativa – Expoingá (2025)



Fonte: LAEE-UEM. Fotografia: Julia Mahamut, 2025.

Figura 8 – Cenário de escavação arqueológica – Expoingá (2025)

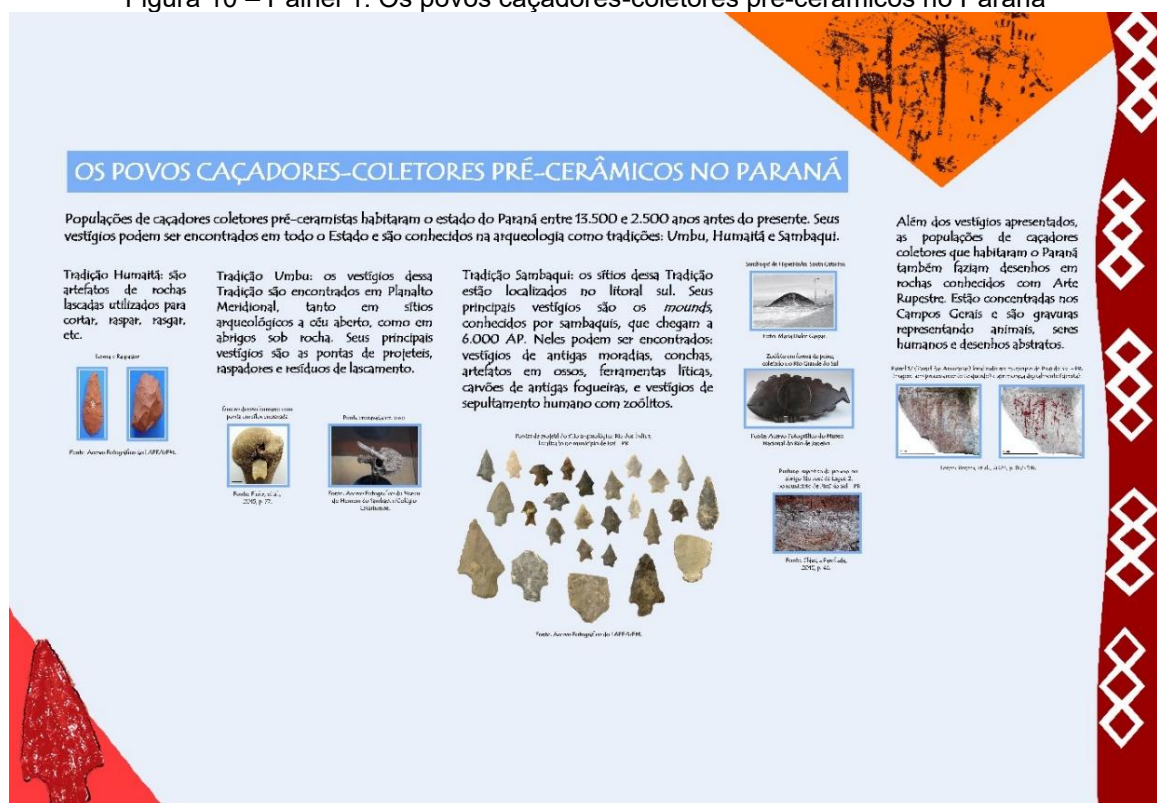


Figura 9 – Pannel com o título da exposição



Fonte: LAEE-UEM.

Figura 10 – Pannel 1: Os povos caçadores-coletores pré-cerâmicos no Paraná



Fonte: LAEE-UEM.

Figura 11 – Painei 2: Povos originários – Kaingang

POVOS ORIGINÁRIOS – KAINGANG

Os Kaingang, assim como os Xokleng, são povos falantes de língua do tronco linguístico Jê. Chegaram no Paraná por volta de 2.500 anos antes do presente vindos da região central do Brasil.

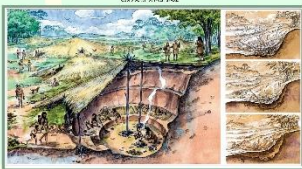
Vieram acompanhando o ecossistema dos Cerrados e das Florestas de Araucária, adentrando no Paraná pela região dos rios Paranapanema e Itararé.

Aqui se estabeleceram nas áreas de planalto junto aos campos e pinheirais até a Argentina. Ambientes associados à existência de uma rica fauna e flora que lhes fornecia alimentação variada, como pinhão, mel, caça e pesca, que completava sua dieta com alimentos cultivados como feijão, milho e abóbora.

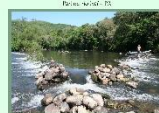
Tinham diversos tipos de habitações, desde abrigos provisórios (*Wané*), casas coletivas de famílias extensas, até as casas semi-subterrâneas utilizadas em períodos de frio. Também construíam praças cerimoniais e túmulos para enterrar seus mortos.

Eravam povos agricultores e ceramistas e seus artefatos de cerâmica são conhecidos na arqueologia como Tradição Itararé. Constituído de vasilhas finas e lisas, de proporções pequenas, apresentando decorações de pontado, incisões e impressões. Seu uso se destinava a estocagem de alimentos, transporte e consumo de líquidos.

Além da caça, capturavam peixes utilizando o arco e flecha e armadilhas denominadas de *Pari*.







Fonte: LAEE-UEM.

Figura 12 – Painei 3: Povos originários – Guarani

POVOS ORIGINÁRIOS – GUARANI

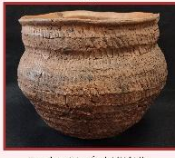
Os povos falantes da língua Guarani originaram-se da bacia do Rio Amazonas e migraram para o sul do continente pelo rio Paraguai e seus afluentes até a bacia do rio da Prata na Argentina. Do rio Paraguai passaram para a bacia do rio Paraná, e seus afluentes. Seus sítios arqueológicos mais antigos no Paraná chegam a 2.000 anos antes do presente.

Em seu processo de ocupação de novas áreas foram construindo seus *tokohá* (aldeias) em locais próximos a rios piscosos e onde faziam suas roças de mandioca, milho e outras plantas comestíveis.

Fabricavam inúmeros objetos de uso diário e ritual de diversas matérias primas. Com destaque as suas vasilhas cerâmicas utilizadas em diversas funções, como: preparar e servir alimentos (*Vapepô*); preparar e servir bebidas consumidas em rituais, e armazenar diversos tipos de líquidos (*Cambuchí* e *Cambuchí Caguabá*).

Suas aldeias eram organizadas por grupos familiares, com o estabelecimento de relações de parentesco e alianças políticas.











Fonte: LAEE-UEM.

POVOS ORIGINÁRIOS – XETÃ

Os Xetã, falantes de língua homônima pertencente à família linguística Tupi-Guarani, habitaram a região do Noroeste paranaense. Seus territórios tradicionais situavam-se na bacia hidrográfica do rio Ivaí onde viveram até meados da década de 1950.

Eram exímios caçadores-coletores, organizados em núcleos familiares. Manejavam seus ambientes florestais na obtenção de alimentos, matérias primas para construção de seus abrigos, fabricação de artefatos utilizados na vida cotidiana e objetos rituais.

Brasão da etnia Xetã
(divisão do Estado do Paraná)
com o rio e o alho.

Armadilha de um Xetã, feita
com o rio e o alho.

Brasão da etnia Xetã
(divisão do Estado do Paraná)
com o rio e o alho.

Brasão da etnia Xetã
(divisão do Estado do Paraná)
com o rio e o alho.

Brasão da etnia Xetã
(divisão do Estado do Paraná)
com o rio e o alho.

Suas aldeias, localizadas em clareiras abertas nas matas, eram constituídas de cabanas circulares – *taprys* – recobertas com folhas de palmeira.

Aldeia Xetã (foto).

Com destaque aos artefatos de rochas lascadas e/ou polidas como pontas de projéteis, lâminas de machado e pilões; cestos feitos de folhas de palmeiras trançadas; recipientes para armazenamento de líquidos feitos de cabaças; instrumentos de madeira como arcos, pilões e armadilhas para captura de caças; penas, peles e ossos de animais usados em adornos pessoais e nas flechas; cera de abelhas para moldarem seus *Môu* – esculturas zoomorfas que representavam os espíritos temidos da floresta.

Escultura zoomorfa (Môu).

Fonte: LAEE-UEM.

[illegible]

Expansão dos povos Guarani no Rio Uruguai e seus afluentes

Expansão dos povos Guarani no Rio Uruguai e seus afluentes

LEGENDA

- Corrente de Brasil
- Corrente Africana

NOTAS ADICIONAIS

Mapa baseado em: *Mapa do Brasil*, 1984, 1985, 1986, 1987, 1988, 1989, 1990, 1991, 1992, 1993, 1994, 1995, 1996, 1997, 1998, 1999, 2000, 2001, 2002, 2003, 2004, 2005, 2006, 2007, 2008, 2009, 2010, 2011, 2012, 2013, 2014, 2015, 2016, 2017, 2018, 2019, 2020, 2021, 2022, 2023, 2024, 2025, 2026, 2027, 2028, 2029, 2030, 2031, 2032, 2033, 2034, 2035, 2036, 2037, 2038, 2039, 2040, 2041, 2042, 2043, 2044, 2045, 2046, 2047, 2048, 2049, 2050, 2051, 2052, 2053, 2054, 2055, 2056, 2057, 2058, 2059, 2060, 2061, 2062, 2063, 2064, 2065, 2066, 2067, 2068, 2069, 2070, 2071, 2072, 2073, 2074, 2075, 2076, 2077, 2078, 2079, 2080, 2081, 2082, 2083, 2084, 2085, 2086, 2087, 2088, 2089, 2090, 2091, 2092, 2093, 2094, 2095, 2096, 2097, 2098, 2099, 2100, 2101, 2102, 2103, 2104, 2105, 2106, 2107, 2108, 2109, 2110, 2111, 2112, 2113, 2114, 2115, 2116, 2117, 2118, 2119, 2120, 2121, 2122, 2123, 2124, 2125, 2126, 2127, 2128, 2129, 2130, 2131, 2132, 2133, 2134, 2135, 2136, 2137, 2138, 2139, 2140, 2141, 2142, 2143, 2144, 2145, 2146, 2147, 2148, 2149, 2150, 2151, 2152, 2153, 2154, 2155, 2156, 2157, 2158, 2159, 2160, 2161, 2162, 2163, 2164, 2165, 2166, 2167, 2168, 2169, 2170, 2171, 2172, 2173, 2174, 2175, 2176, 2177, 2178, 2179, 2180, 2181, 2182, 2183, 2184, 2185, 2186, 2187, 2188, 2189, 2190, 2191, 2192, 2193, 2194, 2195, 2196, 2197, 2198, 2199, 2200, 2201, 2202, 2203, 2204, 2205, 2206, 2207, 2208, 2209, 2210, 2211, 2212, 2213, 2214, 2215, 2216, 2217, 2218, 2219, 2220, 2221, 2222, 2223, 2224, 2225, 2226, 2227, 2228, 2229, 2230, 2231, 2232, 2233, 2234, 2235, 2236, 2237, 2238, 2239, 2240, 2241, 2242, 2243, 2244, 2245, 2246, 2247, 2248, 2249, 2250, 2251, 2252, 2253, 2254, 2255, 2256, 2257, 2258, 2259, 2260, 2261, 2262, 2263, 2264, 2265, 2266, 2267, 2268, 2269, 2270, 2271, 2272, 2273, 2274, 2275, 2276, 2277, 2278, 2279, 2280, 2281, 2282, 2283, 2284, 2285, 2286, 2287, 2288, 2289, 2290, 2291, 2292, 2293, 2294, 2295, 2296, 2297, 2298, 2299, 2300, 2301, 2302, 2303, 2304, 2305, 2306, 2307, 2308, 2309, 2310, 2311, 2312, 2313, 2314, 2315, 2316, 2317, 2318, 2319, 2320, 2321, 2322, 2323, 2324, 2325, 2326, 2327, 2328, 2329, 2330, 2331, 2332, 2333, 2334, 2335, 2336, 2337, 2338, 2339, 2340, 2341, 2342, 2343, 2344, 2345, 2346, 2347, 2348, 2349, 2350, 2351, 2352, 2353, 2354, 2355, 2356, 2357, 2358, 2359, 2360, 2361, 2362, 2363, 2364, 2365, 2366, 2367, 2368, 2369, 2370, 2371, 2372, 2373, 2374, 2375, 2376, 2377, 2378, 2379, 2380, 2381, 2382, 2383, 2384, 2385, 2386, 2387, 2388, 2389, 2390, 2391, 2392, 2393, 2394, 2395, 2396, 2397, 2398, 2399, 2400, 2401, 2402, 2403, 2404, 2405, 2406, 2407, 2408, 2409, 2410, 2411, 2412, 2413, 2414, 2415, 2416, 2417, 2418, 2419, 2420, 2421, 2422, 2423, 2424, 2425, 2426, 2427, 2428, 2429, 2430, 2431, 2432, 2433, 2434, 2435, 2436, 2437, 2438, 2439, 2440, 2441, 2442, 2443, 2444, 2445, 2446, 2447, 2448, 2449, 2450, 2451, 2452, 2453, 2454, 2455, 2456, 2457, 2458, 2459, 2460, 2461, 2462, 2463, 2464, 2465, 2466, 2467, 2468, 2469, 2470, 2471, 2472, 2473, 2474, 2475, 2476, 2477, 2478, 2479, 2480, 2481, 2482, 2483, 2484, 2485, 2486, 2487, 2488, 2489, 2490, 2491, 2492, 2493, 2494, 2495, 2496, 2497, 2498, 2499, 2500, 2501, 2502, 2503, 2504, 2505, 2506, 2507, 2508, 2509, 2510, 2511, 2512, 2513, 2514, 2515, 2516, 2517, 2518, 2519, 2520, 2521, 2522, 2523, 2524, 2525, 2526, 2527, 2528, 2529, 2530, 2531, 2532, 2533, 2534, 2535, 2536, 2537, 2538, 2539, 2540, 2541, 2542, 2543, 2544, 2545, 2546, 2547, 2548, 2549, 2550, 2551, 2552, 2553, 2554, 2555, 2556, 2557, 2558, 2559, 2560, 2561, 2562, 2563, 2564, 2565, 2566, 2567, 2568, 2569, 2570, 2571, 2572, 2573, 2574, 2575, 2576, 2577, 2578, 2579, 2580, 2581, 2582, 2583, 2584, 2585, 2586, 2587, 2588, 2589, 2590, 2591, 2592, 2593, 2594, 2595, 2596, 2597, 2598, 2599, 2600, 2601, 2602, 2603, 2604, 2605, 2606, 2607, 2608, 2609, 2610, 2611, 2612, 2613, 2614, 2615, 2616, 2617, 2618, 2619, 2620, 2621, 2622, 2623, 2624, 2625, 2626, 2

Fonte: LAEE-UEM.



RESULTADOS E DISCUSSÃO

A exposição proposta pelo LAEE, em parceria com o MUDI, teve início em 8 de outubro de 2024, com sua exibição durante o I Encontro Paranaense de Museus Universitários e a I Mostra de Museus Universitários do Paraná, ambos integrados ao evento Paraná Faz Ciência, sediado no campus-sede da UEM. Após o encerramento das atividades, a exposição permaneceu no MUDI, por quatro meses, sendo posteriormente transferida para o município de Umuarama, onde foi exibida na ExpoUmuarama. Com o fim desse evento, retornou a Maringá, sendo novamente apresentada ao público durante a Expoingá, conforme detalharemos a seguir.

Os Povos Originários no Paraná Faz Ciência – MUDI-UEM, Maringá

O evento foi realizado entre os dias 8 e 11 de outubro de 2024. Durante esse período, o LAEE contou com a participação fundamental de seus estudantes de graduação, bem como dos demais membros do laboratório, no trabalho de monitoria. Esses monitores foram responsáveis por acompanhar as turmas de escolas que visitaram a exposição, guiando os visitantes ao longo do percurso e fornecendo informações detalhadas sobre o conteúdo apresentado.

A presença dos monitores foi essencial para o sucesso da exposição, especialmente no atendimento às turmas da educação básica. Compostos por estudantes de graduação e membros do próprio laboratório, esses monitores atuaram como guias, adaptando as explicações sobre o conteúdo expositivo para uma linguagem acessível e envolvente, adequada a crianças e adolescentes. Eles acompanharam os grupos pelas diferentes seções da mostra, abordando aspectos relacionados aos povos caçadores-coletores pré-cerâmicos, aos Kaingang, Guarani e Xetá, ao mesmo tempo em que contextualizavam os artefatos e os painéis expostos. Essa interação direta permitiu que os visitantes mais jovens não apenas absorvessem as informações, mas também tivessem suas dúvidas esclarecidas e sua curiosidade estimulada (figuras 21 e 22).

Além de transmitir conhecimento, os monitores desempenharam um papel fundamental no engajamento dos jovens visitantes, tornando a experiência na exposição mais dinâmica e única. Com o objetivo de ampliar o alcance da mostra, incentivavam ativamente os alunos a seguirem o perfil do LAEE no Instagram, promovendo a continuidade do aprendizado e a interação com o laboratório em ambiente digital. Também distribuíam folders elaborados de acordo com a identidade visual da exposição, que funcionavam como material de apoio e recordação da visita. Essa mediação pedagógica contribuiu para que o conteúdo sobre os povos originários fosse compreendido de forma mais aprofundada, fomentando, desde cedo, o respeito à diversidade cultural e histórica do Paraná.

Vale acrescentar que um dos destaques da exposição foi a elaboração de um cenário de escavação — uma área cuidadosamente projetada para simular um sítio arqueológico, utilizada como recurso expográfico com o objetivo de atrair e envolver o público (figuras 19 e 20).

Figura 16 – Exposição “Os Povos Originários no Paraná” no MUDI-UEM para o Paraná Faz Ciência (2024)



Fonte: LAEE-UEM. Fotografia: Mariana Moraes, 2024.

Figura 17 – Alguns bens arqueológicos cerâmicos expostos, associados aos Guarani



Figura 18 – Alguns bens arqueológicos cerâmicos expostos, associados aos Kaingang



Fonte: LAEE/UEM. Fotografia: Mariana Moraes, 2024.



Figuras 19 e 20 – Simulação de escavação



Fonte: LAEE-UEM. Fotografia: Mariana Moraes, 2024.

Figuras 21 e 22 – Monitores do LAEE em atendimento ao público



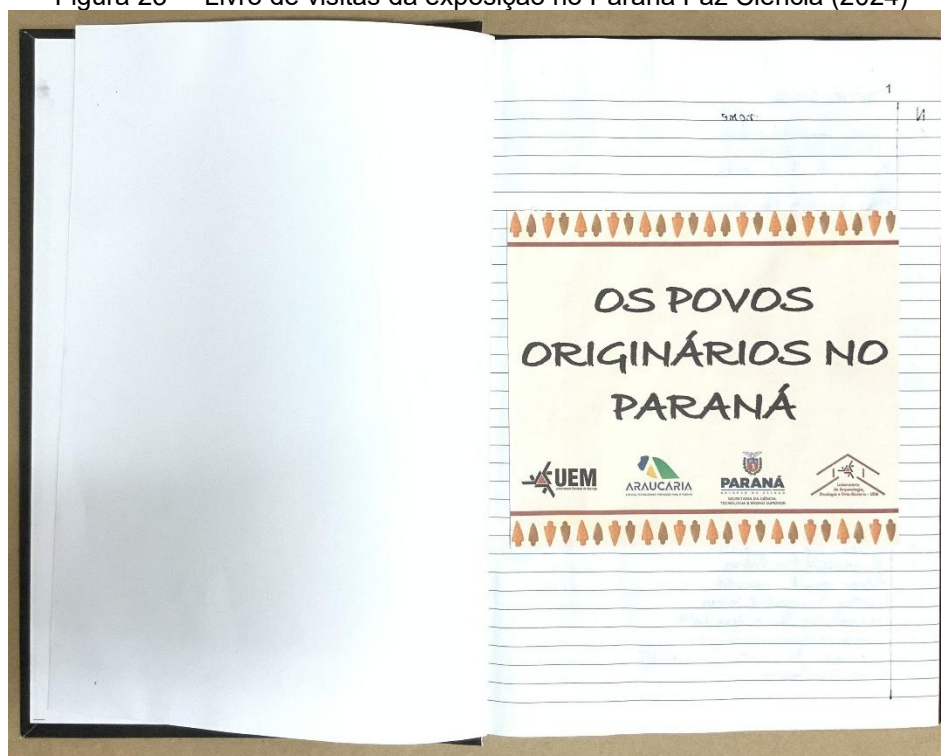
Fonte: LAEE-UEM. Fotografia: Mariana Moraes, 2024.



Durante o período do evento, a exposição registrou um fluxo expressivo de 477 visitantes. Esse número evidenciou o amplo interesse do público, atraindo pessoas não apenas da região de Maringá, mas também de localidades mais distantes, como Bento Gonçalves (RS), Brasília (DF), Curitiba (PR), Foz do Iguaçu (PR), Ponta Grossa (PR) e Guarapuava (PR). Cada visita foi cuidadosamente registrada no livro de visitas da exposição, assegurando a documentação oficial da participação do público e reafirmando a relevância da iniciativa.

É importante salientar, contudo, que o número real de visitantes superou a contagem nominal registrada. Devido à presença significativa de grupos escolares, muitos professores assinaram o livro em nome de suas turmas. Essa prática, comum em visitas institucionais guiadas, resultou em um público total consideravelmente maior do que os 477 nomes formalmente inscritos. A presença de escolas de diferentes níveis e localidades reforça o impacto educativo e cultural da exposição, consolidando seu papel como um espaço de disseminação de conhecimento voltado a um público amplo e diversificado.

Figura 23 – Livro de visitas da exposição no Paraná Faz Ciência (2024)



Fonte: LAEE-UEM. Fotografia: Julia Mahamut, 2024.

A estratégia de disseminação do conhecimento gerado pela exposição “Os Povos Originários no Paraná” estendeu-se ao ambiente digital, concretizando-se na publicação de quatro postagens no Instagram. Essa iniciativa teve como objetivo ampliar o alcance da mostra, levando o conteúdo sobre os povos caçadores-coletores pré-cerâmicos, os Kaingang, os Guarani e os Xetá a um público mais amplo. Cada publicação foi cuidadosamente elaborada para refletir a identidade visual e as escolhas conceituais da exposição física, assegurando uma experiência coesa entre os diferentes suportes de comunicação.



Foi dedicado um post específico para cada grupo, seguindo as diretrizes visuais estabelecidas na expografia. O conteúdo sobre os caçadores-coletores pré-cerâmicos utilizou o tom azul; os Kaingang foram representados pelo verde; os Guarani, pelo vermelho; e os Xetá, pelo amarelo. Além da paleta cromática, os posts replicaram as tipografias utilizadas nos painéis da exposição, promovendo familiaridade visual e reforçando a identidade da curadoria. Essa abordagem integrada buscou não apenas informar, mas também engajar os usuários da plataforma, convidando-os a explorar a riqueza cultural dos povos indígenas (figuras 24 a 27).

Figura 24 – Capa do carrossel dedicado aos grupos de Caçadores Coletores



Fonte: LAEE/UEM.

Figura 25 – Capa do carrossel dedicado aos Kaingang



Fonte: LAEE/UEM.

Figura 26 – Capa do carrossel dedicado aos Guarani



Fonte: LAEE/UEM.

Figura 27 – Capa do carrossel dedicado aos Xetá



Fonte: LAEE/UEM.



A repercussão dos conteúdos digitais evidenciou o êxito da estratégia adotada. Os quatro posts publicados no Instagram alcançaram, em conjunto, mais de 7.500 visualizações — um número expressivo que demonstra o interesse do público pela temática dos povos originários e pela forma como o conteúdo foi apresentado. Essa alta visibilidade nas redes sociais não apenas ampliou o alcance da exposição para além de seus limites físicos, como também fortaleceu o papel da instituição na difusão de conhecimentos históricos e antropológicos de relevância social e cultural.

Os Povos Originários na ExpoUmuarama, Umuarama

O evento foi realizado entre os dias 12 e 23 de março de 2025. Durante esse período, o LAEE contou com a participação ativa dos estudantes de graduação e dos demais membros do laboratório no trabalho de monitoria, acompanhando as turmas escolares ao longo da visita à exposição.

Um dos grandes atrativos dessa edição foi a inclusão de uma pequena área de simulação de escavação arqueológica, concebida para proporcionar uma experiência prática e imersiva ao público. Esse espaço interativo, onde os visitantes puderam vivenciar de forma lúdica e educativa algumas das técnicas utilizadas por arqueólogos em campo, revelou-se especialmente bem-sucedido entre as crianças. A oportunidade de “descobrir” artefatos e manusear ferramentas despertou a curiosidade e o engajamento dos pequenos, tornando a arqueologia acessível e divertida, ao mesmo tempo em que reforçava a importância da preservação dos vestígios históricos e culturais.

Figura 28 – Cenário de Arqueologia (frente) e espaço de escavação simulada (fundo)



Fonte: LAEE/UEM. Fotografia: Leilane Lima, 2025.



Figura 29 – Espaço para escavação simulada



Fonte: MUDI-UEM.

Figura 30 – Visitação do público escolar à exposição



Fonte: MUDI-UEM.

Devido aos desafios logísticos impostos pela distância do local do evento, a presença de toda a equipe do LAEE em Umuarama foi inviabilizada, o que impactou diretamente a cobertura digital da exposição. Por consequência, foi possível realizar apenas um post no Instagram contendo algumas imagens da mostra. As fotos foram gentilmente cedidas pelo pessoal do MUDI, permitindo, ainda assim, uma visibilidade online da exposição. Mesmo com essa limitação, a publicação alcançou um



engajamento significativo, registrando mais de 1.100 visualizações, demonstrando o interesse do público mesmo com a cobertura digital restrita.

Figura 31 – Capa do carrossel de fotografias da exposição na ExpoUmuarama (2025)



Fonte: LAEE-UEM.

Os Povos Originários na Expoingá, Maringá

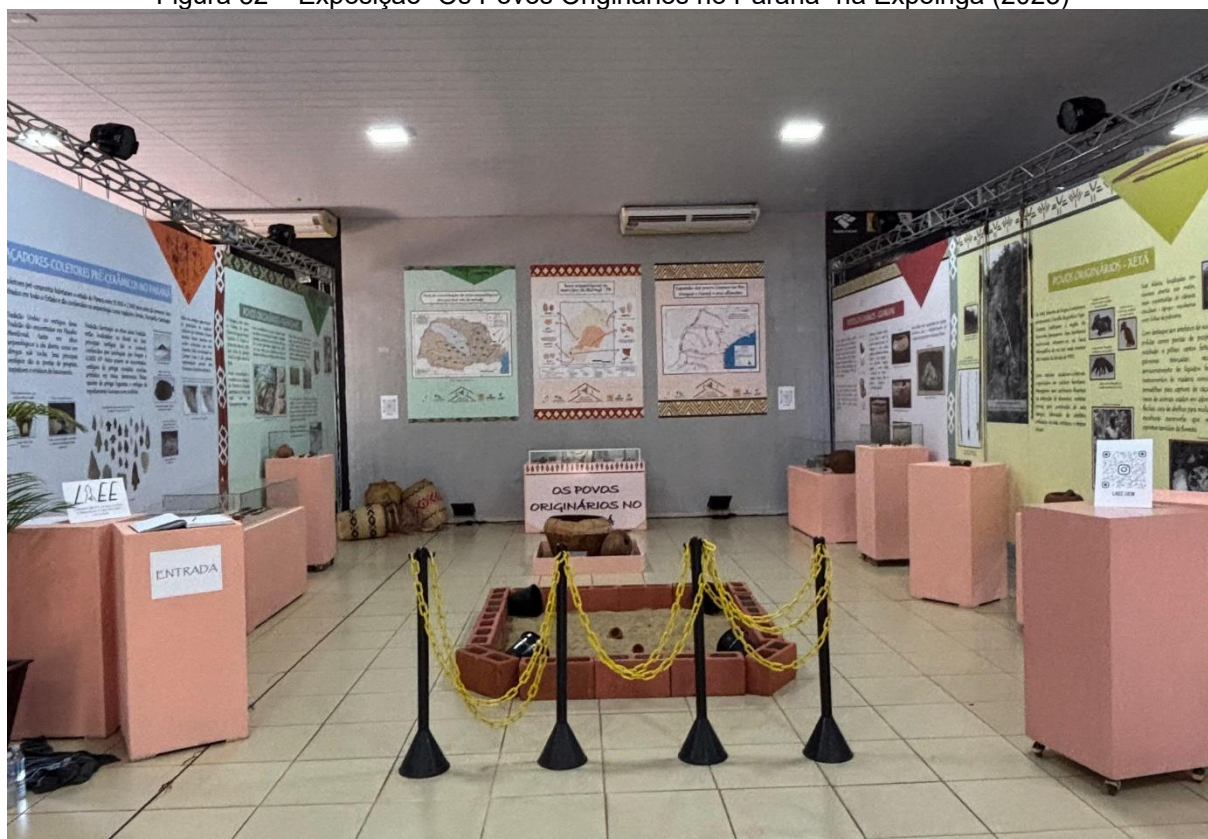
A exposição foi realizada entre os dias 8 e 18 de maio de 2025. A mostra em Maringá foi enriquecida com a inclusão de bens arqueológicos encontrados no próprio município, atualmente sob a salvaguarda do LAEE. Essa adição singular possibilitou que os visitantes tivessem contato direto com o patrimônio material local, aprofundando a compreensão sobre a história e as culturas que se desenvolveram na região muito antes da constituição da cidade.

É fundamental destacar que a região de Maringá abriga sítios arqueológicos associados a grupos de caçadores-coletores, bem como a povos Kaingang, além de ocorrências arqueológicas isoladas atribuídas a grupos Guarani. Esse contexto confere à cidade o status de um importante polo de conhecimento pré-colonial. A presença desses artefatos na exposição não apenas valorizou o acervo arqueológico, mas também reforçou a conexão da mostra com a identidade e o passado do território maringaense.

Cabe registrar que outro grande atrativo dessa edição foi a inclusão de uma área maior de simulação de escavação arqueológica (logo à frente), concebida para atrair o público infantil e proporcionar uma experiência prática e imersiva às crianças que visitaram o espaço expositivo (figuras 36 e 37).



Figura 32 – Exposição “Os Povos Originários no Paraná” na Expoingá (2025)



Fonte: LAEE-UEM. Fotografia: Gustavo Pereira, 2025.

Figura 33 – Pontas de flecha do Paraná, salvaguardadas no LAEE



Figura 34 – Bens arqueológicos encontrados no município de Maringá, salvaguardados no LAEE



Fonte: LAEE-UEM. Fotografia: Marcio Macella, 2025.



De modo particular, durante os dez dias de exposição na Expoingá 2025, o LAEE contou novamente com a atuação ativa de alunos da graduação e da pós-graduação da UEM no trabalho de monitoria. Esses estudantes desempenharam um papel central no espaço expositivo, atuando como verdadeiros protagonistas da iniciativa e agindo como pontes entre a universidade, o conhecimento científico e a comunidade externa. Os monitores interagiram com o público, orientaram os visitantes, coletaram informações sobre colecionadores e coleções domésticas com objetos arqueológicos, auxiliaram as crianças nas atividades de escavação simulada e contribuíram para a manutenção da limpeza e organização do espaço.

Além dessas atividades, os próprios monitores registraram suas experiências, publicando postagens pessoais sobre o trabalho de monitoria na exposição e compartilhando registros fotográficos dos visitantes. Alguns também enviaram mensagens relatando as situações vivenciadas durante o evento. Em seus depoimentos, a experiência da monitoria foi majoritariamente descrita de forma positiva.

Durante os dias de feira, milhares de pessoas — entre crianças, jovens, adultos e idosos, moradores de Maringá, de diversas regiões do Paraná, de outros estados do Brasil e até mesmo de outros países — visitaram a exposição do LAEE. Com o auxílio dos monitores, o livro de visitas registrou aproximadamente 1.400 assinaturas. No entanto, estima-se que o número real de visitantes tenha sido significativamente maior, uma vez que, em muitos casos, professores assinaram em nome de suas turmas escolares. Além disso, como a exposição recebeu numerosas famílias, frequentemente apenas um membro do grupo deixava sua assinatura.

Mais um diferencial dessa edição da mostra foi a disponibilização de um catálogo da exposição em formato eletrônico, contendo todo o material exibido, como painéis, mapas, fotografias e imagens dos objetos expostos. Essa iniciativa permitiu ao público levar consigo um registro detalhado da mostra, facilitando a revisão do conteúdo e a apropriação do conhecimento apresentado (LAEE-UEM, 2025)⁵.

Do universo físico ao ambiente virtual, a interação com o LAEE por meio do Instagram foi amplamente incentivada — e os resultados superaram as expectativas. Durante os dias da exposição, o perfil da instituição registrou mais de 9 mil visualizações, atraindo 83 novos seguidores que, de forma ativa, compartilharam, salvaram e curtiram as publicações. Essa integração eficaz entre o espaço físico e a plataforma digital revelou-se uma potente ferramenta para ampliar o engajamento do público e impulsionar a difusão do conhecimento sobre a cultura dos povos originários.

⁵ O catálogo está disponível em: https://drive.google.com/file/d/1wzVKv4NENiZ34ZRMUiSmyX-I_CmBOXn1/view?usp=sharing. Último acesso em: 01 jun. 2025.



Figura 35 – Monitores indígenas do LAEE em atendimento ao público



Fonte: LAEE-UEM. Fotografia: Leilane Lima, 2025.

Figura 36 – Espaço para escavação simulada na Expoingá (2025)



Fonte: LAEE-UEM. Fotografia: Leilane Lima, 2025.



Figura 37 – Público no espaço expositivo na Expoingá (2025)



Fonte: LAEE-UEM. Fotografia: Leilane Lima, 2025.

Figura 38 – Público no espaço expositivo na Expoingá (2025)



Fonte: LAEE-UEM. Fotografia: Leilane Lima, 2025.

Figura 39 – Capa do livro de visitas referente à exposição na Expoingá

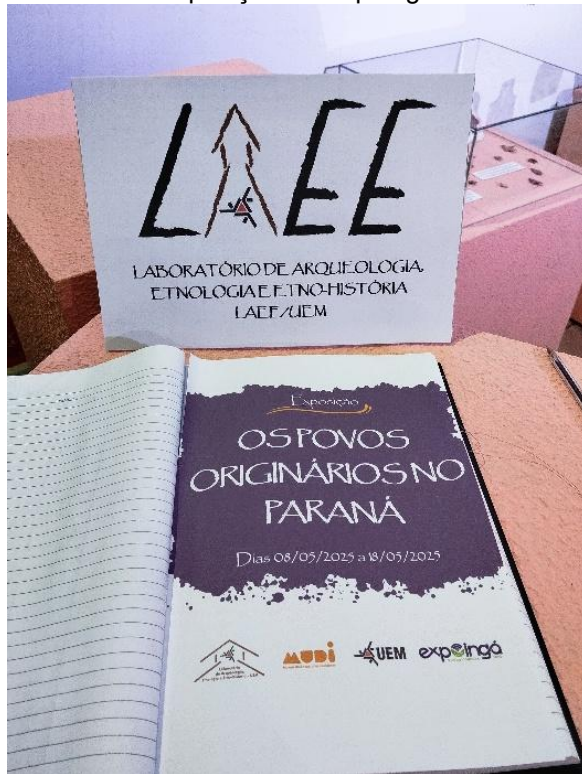


Figura 40 – Capa do catálogo referente à exposição na Expoingá



Fonte: LAEE-UEM. Fotografia: Julia Mahamut, 2025.

Figura 41 – Post do Instagram anunciando a participação da exposição na Expoingá 2025



Figura 42 – Qr code disponibilizado para acesso do catálogo da exposição



Figura 43 – Post do Instagram compartilhando o catálogo da exposição com os seguidores



Fonte: LAEE-UEM.



CONCLUSÃO

A exposição “Os Povos Originários do Paraná”, elaborada pela equipe do LAEE em parceria com o MUDI, foi concebida como um produto comunicacional estratégico, alinhado às ferramentas do universo digital. Nesse contexto, buscou-se comunicar conhecimentos científicos sobre as populações indígenas que viveram — e ainda vivem — nos territórios que hoje compõem o estado do Paraná, além de apresentar a Arqueologia como uma ciência humana e social. Também foram divulgados o trabalho arqueológico desenvolvido na região e parte dos acervos identificados no município de Maringá, fortalecendo, assim, o vínculo entre universidade, patrimônio e sociedade. Por meio dessas ações, pretende-se “ampliar o sentimento de pertença e a participação da sociedade nas questões que envolvem o patrimônio” (Pereira, 2017, p. 74).

Atuar simultaneamente no universo físico e no ambiente virtual revelou-se uma estratégia eficaz, evidenciando o potencial das plataformas digitais como ferramentas complementares para exposições e projetos educativos. A transposição de elementos conceituais e visuais da mostra física para o meio digital possibilitou alcançar novos públicos e fortalecer o debate sobre a diversidade cultural no território paranaense. Os resultados obtidos demonstram a relevância de abordagens multimodais na comunicação científica e cultural, indicando que o meio digital pode ampliar e potencializar o impacto das exposições realizadas em espaços físicos.

Sendo uma relevante Instituição de Guarda e Pesquisa de acervos arqueológicos no estado do Paraná, a equipe do LAEE compreende que os objetivos foram — e continuam sendo — alcançados com êxito. Afinal, é no encontro com o público, tanto presencial quanto virtual, que ocorre a ressignificação do patrimônio e se legitima o processo museológico, fundamentado na tríade: pesquisa, preservação e comunicação.

AGRADECIMENTOS

Gostaríamos de expressar nossa sincera gratidão a todos que contribuíram para o sucesso das montagens das exposições. O empenho e a dedicação de cada um foram fundamentais para a realização desse projeto. Agradecemos imensamente aos funcionários e estudantes que dedicaram seu tempo e esforço nas montagens: Sônia, Wilson, Alfeo, Emanuel, Izabelle, Alexia e Richard. Nosso reconhecimento se estende também a todos os monitores, que, com seu profissionalismo e entusiasmo, enriqueceram a experiência dos visitantes nos três locais em que a mostra foi realizada: MUDI, ExpoUmuarama e Expoingá. Agradecemos, de maneira particular, a toda a equipe do MUDI — em especial aos professores Marcílio e Celso, e aos colaboradores Cristina, Robson e Guilherme. Por fim, dedicamos nosso trabalho aos povos indígenas do Paraná.



REFERÊNCIAS

ALVES, A. L.; MOTA, M. F.; TAVARES, T. P. O Instagram no processo de engajamento das práticas educacionais: A dinâmica para a socialização do ensino-aprendizagem, **Revista Científica da Faculdade Sete de Setembro**, v. 12, n. 19, 2018, p. 25-43.

BRASIL. Ministério da Cultura. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). **PORTARIA Nº 196, DE 18 DE MAIO DE 2016**. Dispõe sobre a conservação de bens arqueológicos moveis, cria o Cadastro Nacional de Instituições de Guarda e Pesquisa, o Termo de Recebimento de Coleções Arqueológicas e a Ficha de Cadastro de Bem Arqueológico Móvel. Brasília, DF, 2016.

COSTA, C. A. S.; COMERLATO, F. Você me daria um “cheque em branco”? um olhar sobre o endosso institucional em projetos de Arqueologia. **Revista de Arqueologia**, v. 26, n. 2, p. 115–131, 2014. DOI: <https://doi.org/10.24885/sab.v26i2.384>

CURY, M. X. **Comunicação museológica – Uma perspectiva teórica e metodológica de recepção**. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

CURY, M. X. **Exposição: Conceção, montagem e avaliação**. São Paulo: Annablume, 2006.

GUARNIERI, W. R. C. Exposição: texto museológico e o contexto cultural 1986. In: BRUNO, M. C. O. (Org.). **Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional**. São Paulo: ICOM – Brasil, Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2010, p. 137-143.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. (IBRAM). **Código de ética do ICOM para museus**. Brasília, DF: IBRAM, 2004. Disponível em: <https://icom.museum/wp-content/uploads/2018/07/Portuguese.pdf>. Acesso em: 27 dez. 2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS (IBRAM). **Caminhos da memória: para fazer uma exposição**. Pesquisa e elaboração do texto Katia Bordinhão, Lúcia Valente e Maristela dos Santos Simão. Brasília, DF: IBRAM, 2017.

LABORATÓRIO DE ARQUEOLOGIA, ETNOLOGIA E ETNO-HISTÓRIA - LAEE/UEM. **Catálogo da Exposição: Os Povos Originários no Paraná**, 2025. Maringá, 2025, 37 p. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1wzVKv4NENjZ34ZRMUiSmyX-I_CmBOXn1/view?usp=drive_link. Acesso em: 1 de jun. 2025.

LUCIANO, S. R. **Balanço da Arqueologia de Contrato no Estado do Paraná (1991-2019)**. Dissertação (Mestrado em História), Programa de Pós-graduação em História, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2021, 59p.



MOTA, L. T. A história da implementação e desenvolvimento do Programa Interdisciplinar de Estudos de Populações: Laboratório de Arqueologia, Etnologia e Etno-História na Universidade Estadual de Maringá. In: MOREIRA, L. F. V.; GONÇALVES, J. H. R. (orgs.). **Etnias, Espaços e Ideias: Estudos Multidisciplinares**. Curitiba: Instituto Memória, 2009, p. 245-263.

PEREIRA, D. Extroversão do patrimônio arqueológico salvaguardado: reserva técnica do laboratório de arqueologia Peter Hilbert. **Revista Arqueologia Pública**, v. 11, n. 2, p. 66–82, 2017. DOI: <https://doi.org/10.20396/rap.v11i2.8650061>

SCHEINER, T. C. M. **Comunicação, Educação, Exposição: novos saberes, novos sentidos**. Semiosfera (UFRJ), Rio de Janeiro, v. 4-5, 2003.

SILVA, D. A. da; LEAL, L. A. Utilização do Instagram no Ensino de Paleontologia. **Revista Insignare Scientia** [S.l.], v. 5, n. 1, p. 484-505, jan./abril. 2022.

TÉGA-CALIPPO, G. M. Arqueologias nas redes sociais: o passado representado em tempos de pandemia. **Revista de Arqueologia**, [S. l.], v. 35, n. 1, p. 205–222, 2022.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ. **Resolução Nº 034/2017-CEP, de 20 de setembro de 2017**. Aprova o Regulamento de Eventos e Cursos de Extensão na Universidade Estadual de Maringá e revoga as Resoluções nºs 078/2005-CEP e 079/2005-CEP. Maringá, 20 de setembro de 2017. Disponível em: <http://www.scs.uem.br/2017/cep/034cep2017.htm>. Acesso em: 01 jun. 2025.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ. **Resolução Nº 029/2021-CEP, de 1 de setembro de 2021**. Aprova as Diretrizes para a inclusão da Extensão na integralização curricular dos cursos de graduação e pós-graduação da Universidade Estadual de Maringá. Maringá, 1º de setembro de 2021. Disponível em: <http://www.scs.uem.br/2021/cep/029cep2021.htm>. Acesso em: 01 jun. 2025.